

Plano Abortado

Terceira parte

Era um caderno A5 de capa preta, um simples e inofensivo caderno que continha uma mensagem importantíssima para o caso. Na capa vibrava a palavra “Vingança”, escrita a corretor. As primeiras páginas serviam de rascunho, sem que a ideia de um plano de homicídio fosse ainda perceptível.

Marco planeava matar os pais à facada, enquanto estes dormiam. Os tios teriam de presenciar os corpos ensanguentados e perceber que o sobrinho tinha cometido os crimes. Isto representava para a criança um sentimento de orgulho num ato heroico. Em momento algum eram apresentadas as razões desta vingança. Sendo que nenhuma criança mata os pais por a roupa estar mal dobrada ou pela falta de um brinquedo, teria de haver algo mais profundo, algo que o levasse até à injustiça.

Eduardo rapidamente foi chamado ao Departamento de Homicídios. Havia pontas soltas que necessitavam de uma urgente resolução.

-Acabemos de uma vez por todas com a imprecisão, Eduardo – iniciou Alexandre. – Há um novo detalhe conspícuo do qual queremos falar-lhe. O seu filho pretendia matá-lo a si e à sua esposa.

Eduardo abriu ligeiramente a boca e encostou as costas à cadeira.

Diogo ia folheando o caderno, até que parou numa página que lhe chamou a atenção. Continha apenas uma frase: “Quando: noite de 5 para 6 de julho”.

-Noite de 5 para 6... – murmurou.

-Podemos criar uma teoria muito simples, Eduardo – continuava o inspetor-chefe. – O senhor e a sua mulher descobriram que o vosso filho vos ia matar e decidiram fazê-lo antes que fosse impossível.

-É isso, só pode ser isso – interrompeu Diogo. – O Marco queria matá-los de 5 para 6, na noite em que ele mesmo foi assassinado. A vingança virou-se contra ele. Sim, só pode ser essa a explicação. Vocês mataram-no! – gritou, apontando o dedo a Eduardo.

Eduardo tinha uma expressão de quem tenta montar um enorme puzzle na cabeça.

-Tem alguma coisa a dizer?

-Tem alguma coisa a dizer, senhor Abreu? – repetiu Alexandre. – Estamos a perder a paciência!

-Só falo na presença do meu advogado – concluiu o suspeito, levantando-se de imediato. Hesitou no segundo seguinte, sentando-se de novo na cadeira. – O Marco tem... tinha uma deficiência mental não muito avançada. Agora que me

falam desse plano, presumo que deva ter descoberto recentemente a causa dessa mesma deficiência.

-O que provocou a deficiência?

-Ele tinha sensivelmente dois anos. Eu era um vagabundo e levei a minha mulher por caminhos impróprios. Hoje sinto que era algo evitável, mas na altura sentia que o que fazia era absolutamente natural. A droga, o álcool e o sexo mudaram-nos por completo. O meu filho chegou a passar fome, já que os pais passavam a noite fora com ele e só chegavam a casa de madrugada e pedrados. Não há desculpa para os nossos atos, mas foi uma viagem tão rápida ao abismo! – parou alguns segundos, engolindo a saliva em excesso. – O episódio que mudou a vida do meu filho aconteceu numa noite banal. Eu não estava sóbrio, mas garanto-lhe que não era um dos meus piores dias. Lembro-me vagamente de chegar a casa perto das dez da noite com a Helena e o Marco. Tínhamos ido a uma sessão de massagens eróticas, como era habitual às quartas-feiras. Deixávamo-lo no carro com o vidro ligeiramente aberto – fez uma pausa de novo. – Que raio de pais deixam o filho no carro durante tanto tempo? Cobardes! – deu um murro na face.

-Tente acalmar-se. Conte-nos então o que se passou depois.

As lágrimas preenchiam agora a cara de Eduardo.

-Chegámos a casa e ele começou aos berros. Não tinha por hábito fazê-lo, mas a histeria apoderou-se dele. Eu estava sem paciência e a Helena não aguentava o próprio corpo, pelo que o tirei do carro e gritei para que fosse para casa. Um miúdo de dois anos não percebe isso, inspetor. Ele continuou a gritar e a gritar... e eu explodi. Liguei o carro e fui contra ele. Ele bateu com a cabeça no passeio e ali ficou. Resultou do acidente um traumatismo craniano que criou algumas incapacidades permanentes no seu cérebro. Não sabe como me arrependo daquela noite, inspetor. Na altura pensei no suicídio. A minha mulher tentou matar-se três vezes, mas nunca o conseguiu concretizar. E o meu filho... o meu filho sempre sofreu com as consequências que as incapacidades lhe causavam. Os miúdos hoje em dia são muito cruéis e agem de forma desumana para com aqueles que são, de algum modo, diferentes. Acredito piamente que saber que os pais provocaram tanto sofrimento na sua vida tenha feito o Marco revoltar-se a ponto de nos querer mal.

-Sabe por que razão a sua esposa se suicidou, Eduardo?

-Presumo que não tenha aguentado a perda do filho ou então descobriu que ele sabia a verdade.

-Portanto, nenhum dos dois sabia que o Marco tomara conhecimento do sucedido?

-Não, inspetor. Que eu saiba, nenhum de nós tinha conhecimento disso. Ele era bastante inteligente, apesar de tudo, e sabia atuar conforme necessitasse.

Restavam duas pontas soltas. Por um lado, será que Anabela vira ou acabara de cometer o homicídio quando foi vista perto da casa de Guilhermina? Por outro, quem seria a mulher que Jacinto vira enquanto a sua mulher presumivelmente passava a loiça por água?

-Estes segredos não podem ser escondidos numa investigação como esta – disse Diogo. – Se o que Eduardo disse é verdade, talvez apenas Helena soubesse do plano do miúdo e o matasse sem remorsos. As pessoas são capazes de cada disparate!

-Uma coisa é certa: sabendo que o miúdo não se matou, alguém o fez!

-Como sabe que não se matou, Alexandre? – disse, pausando de seguida. – Ah, claro, não havia impressões digitais na faca. E sendo que ele não estava de luvas, se se tivesse matado, teríamos com certeza marcas no punho.

Guilhermina acabara de chegar ao departamento quando viu os inspetores no corredor.

-Ora aí estão!

Vinha com uma peruca na cabeça. Parecia demasiado séria para que o efeito do acessório fosse de alguma forma gracioso.

-Estão a ver isto? – continuou, apontando para a peruca. – Encontrei isto quando fazia a faxina semanal.

-Siga-nos – indicou Alexandre.

Já na sala número três, as afirmações continuaram.

-Nem eu nem o meu marido usamos este tipo de objetos. Não somos palhaços, inspetores! Deixo é uma pergunta: quem deixou isto em minha casa, principalmente agora que aconteceu esta tragédia lá na rua? Sabe, confesso que comentei com o meu vizinho Gustavo. Não lhe falei da mulher, como é óbvio, pois não vivo para estragar casamentos. Mas uma coisa é certa, ele também achou estranho e aconselhou-me a vir falar com os senhores e é por isso que aqui estou. Não sei se há uma ligação com o menino Marco, mas isto não é meu.

Alexandre parecia algo distante, até que relançou a conversa.

-Guilhermina, de que cor é o cabelo das suas duas vizinhas?

-Cor de cabelo? Elas são loiras. Porquê?

-Uma testemunha dá-nos como garantida a presença de uma mulher loira na casa dos Abreu na madrugada do crime. Acha que esta peruca é, digamos, uma forma de incriminar uma das duas mulheres loiras da sua rua?

Guilhermina franziu o sobrolho.

-Não estou a entender, senhor inspetor.

-O que lhe estou a perguntar é se acha que esta peruca foi usada pelo assassino para se fazer passar por uma das duas mulheres loiras caso alguém o visse a cometer o crime.

-Não tinha visto as coisas desse prisma – adiantou a vizinha dos Abreu. – Mas faz sentido.

-Bom, vamos ficar com a peruca para tentarmos detetar algo que nos conduza à pessoa que a usou.

Ângela foi de novo chamada ao departamento, de forma a explicar as declarações da vizinha. Chegou com o marido, que a reconfortava com leves palmadas nas costas. Alexandre preferiu falar apenas com ela.

-Ângela, tivemos conhecimento da sua presença perto da casa da sua vizinha Guilhermina por volta da hora do crime. Queira explicar-nos o que lá fazia, por favor.

As suas mãos começaram a tremer sem que ela as conseguisse controlar. Diogo pediu que se acalmasse e afirmou que só estavam ali para descobrir a verdade.

-Eu... eu não sei como admitir isto. É algo constrangedor, compreendem?! Já o tentei dizer ao meu marido, mas nunca consegui chegar à confissão – disse, pausando de seguida. – Eu tenho um amante. Pronto, é isso.

-Queira então ajudar-nos a entender o que isso tem a ver com a minha pergunta.

-Eu costumo encontrar-me com ele todas as noites, pelo menos nas últimas semanas. É um cavalheiro! Conheci-o num encontro de fotógrafos amadores perto da zona onde vivemos. Como ele também é casado, faz questão de vir à minha rua durante a noite para estarmos juntos. Costumamos ver-nos no mato ao lado da casa dos Abreu. Não a dois metros deles, como é óbvio. Costumo verificar sempre se o Gustavo está a dormir antes de pôr os pés fora de casa, o que acontece por volta das duas e um quarto da manhã. Regresso depois por volta das três horas, mais coisa, menos coisa.

-A nossa testemunha assegura tê-la visto por volta das três menos um quarto da manhã na noite da morte do Marco.

-Sim, foi o que aconteceu. Ouvimos vários barulhos estranhos por volta das duas e quarenta e cinco e eu decidi despedir-me dele e voltar para casa, com receio que o meu marido se tivesse levantado e ido à minha procura. Quando regresssei, ele ainda ressonava.

-O que ouviu precisamente?

-Vários murmúrios e depois um “Ah!” muito singelo. Já rebobinei esta cena centenas de vezes na minha cabeça e cada vez mais me convenço de que o menino foi morto a muito poucos metros de mim.

-Viu alguma coisa quando regressava a casa? – insistiu Alexandre.

-Não.

Os inspetores decidiram falar de novo com Gustavo, que voltou a defender a esposa, sem saber contudo da traição. Uma coisa afirmava: não tinha acordado durante a fatídica noite nem tinha ouvido a mulher levantar-se.

Ao departamento chegava uma nova carta de Helena. Esta parecia ter sido escrita à pressa, como se houvesse um limite de tempo para a enviar.

Gemi quando percebi que me esquecera de um detalhe na minha última carta. Usei as minhas forças para vos garantir que não pretendia fazer justiça com as minhas próprias mãos e acabei por não vos comunicar a outra razão que me leva a desaparecer.

Saibam que o meu marido tem um amante. Tenho vivido com um homossexual dissimulado, que tem um caso com o vizinho da frente. Antes isto que um filho morto, é certo... Viver com as duas realidades é demais para mim. Outros conseguiriam, mas eu não. h.a.